



Patentes desafiam o significado das palavras no tempo

Imagine se todo e qualquer movimento na Internet, passo a passo, possa vir a ser cobrado pela empresa [BT Group plc](#), que tem como subsidiária a British Telecommunications.

À primeira vista, isto pode soar bizarro, mas poderá acontecer se uma ação judicial, iniciada em 2000 em White Plains, Nova Iorque e noticiada pela Reuters em 07/02, for julgada favorável à companhia.

No que já está sendo chamado de ‘uma das mais importantes disputas sobre patentes da história’, a BT está levando o provedor de acesso Internet americano Prodigy à uma Corte distrital americana buscando ‘royalties’ e alegando ser a inventora do *hyperlink*.

De forma simples, o *hyperlink* é o texto, normalmente em cor roxa ou azul, sublinhado ou em negrito, que permite o transporte de uma página para outra ou de um *site* para outro. É parte de um documento hipertexto que conduz o usuário a outro documento hipertexto.

Portanto, a empresa alega que é detentora da propriedade intelectual de cada *hyperlink* utilizado hoje na Internet e, para que se dê o uso correto desse recurso, será necessário o pagamento de uma taxa de licença à BT.

Em outras palavras, caso seja vitoriosa na ação, cada provedor de Internet norte-americano terá que pagar à BT pela utilização dessa tecnologia.

A patente já teria expirado na Inglaterra, portanto os provedores ingleses não terão que recolher qualquer taxa. Nos EUA, a patente deve perdurar até 2006.

História

A patente original é parte de uma tecnologia chamada Prestel – um antigo sistema de computadores conectados entre si que a empresa de correios (‘Post Office’) estaria desenvolvendo, da qual fazia parte a BT, segundo apurou a Dot Life da BBC News.

A [Prodigy](#), que possui 3.6 milhões de usuários, provém serviços de acesso à Internet desde 1984 e que pertence à segunda maior empresa telefônica dos EUA, a SBC, argumenta que a linguagem utilizada na patente é muito vaga para ser aplicada à atual tecnologia de *hyperlinks*.

Conforme o representante do escritório de patentes inglês, estas são vagas por natureza. “Se eu patenteei uma máquina voadora, a patente poderá igualmente ser aplicada a helicópteros e aeroplanos, mesmo que eles sejam completamente diferentes”, explicou o diretor do *UK Patent Office*, Stephen Probert.

“Parece absurdo que a patente para uma tecnologia possa abranger outra, mas patentes podem ser qualquer coisa, menos ‘precisas’, e muitas vezes abrangem coisas que sequer foram inventadas”, disse.

A Prodigy quer provar que a patente é inválida, pois a invenção não é original. Conforme o USA Today, o provedor possui uma [evidência em vídeo](#): uma gravação em preto-e-branco datada de 1968, em que o



pesquisador de Stanford Douglas Engelbart aparentemente demonstra como funciona o *linking* entre hipertextos.

Engelbart possui um currículo invejável na área de computadores, tendo sido a segunda pessoa a se conectar à ARPANet.

Entendimento

De acordo com o noticiado pela CNN, uma Juíza Federal portando um *laptop* advertiu que será difícil provar que uma patente requerida em 1980 – quando a WWW (*World Wide Web*) era apenas uma fagulha nos olhos de Tim Berners-Lee e a BT era ainda parte dos correios – possa ser aplicável aos computadores modernos. Ela demonstrou compreender que o ato de se comparar um computador de 1976 a um de 2002 é como querer comparar um mastodonte a um jato.

“A linguagem é arcaica”, disse a Juíza distrital norte-americana Colleen McMahon. “É como ler inglês medieval.”

Mas Albert Breneisen, advogado da BT, insiste: “A estrutura básica do *linking* está acobertada pela patente.” Antes da tecnologia da BT, ele disse, um usuário de computador tinha que conhecer e escrever o endereço completo de outra página que desejasse visitar.

Semântica

Na audiência preliminar que ocorreu na segunda-feira, 11/02, advogados de ambas as partes discutiram sobre o significado de palavras tão simples como ‘central’, utilizada em ‘computador central’, por exemplo, e sobre como se daria a aplicação de frases mais complexas contidas no corpo da patente aos dias de hoje.

A BT tenta persuadir a Juíza a interpretar de maneira mais genérica a linguagem utilizada – até mesmo para incluir um *mouse* de computador, por exemplo, como se fosse um *keypad* mencionado na patente. “Ele possui teclas,” disse de maneira esperançosa um dos advogados da BT, Robert Perry. “E na patente original utilizamos o termo ‘por meio de terminais remotos’, que hoje se traduzem em PCs, computadores pessoais”.

Quando argüiram a respeito da palavra ‘terminal’, o advogado da Prodigy, Willem Schuuman, tentou demonstrar que os terminais ‘burros’ de antigamente não podem ser equiparados aos modernos sistemas *desktop*.

Consciência tecnológica

O advogado especialista em tecnologia, Ben Goodger, acredita que o caso pode se desdobrar na interpretação da linguagem contida na patente. “Os termos que a patente abrange compreendem a tecnologia que tinham em mente naquele tempo. A questão é quando as palavras e termos são suficientemente precisos para que possam abranger a tecnologia utilizada na Internet,” disse Goodger.

A Juíza McMahon disse temer que os jurados, que já gastam tempos preciosos da vida tentando entender



os seus próprios computadores – muitas vezes sem sucesso – possam não estar plenamente aptos a compreender o contexto da utilização da tecnologia nos anos 70, quando *mainframes* do tamanho de carros continham em si um menor número de recursos que a maioria dos *handhelds* (dispositivos portáteis) de hoje em dia.

“Estou pensando nas seis, oito, 10 pessoas que não têm sequer uma pista sobre os avanços da tecnologia, e se tentarem entendê-los poderão ficar amedrontadas”, disse a respeito dos jurados, ainda em procedimento de seleção.

O advogado da BT aposta que os jurados que utilizam ‘clicks’ em seus computadores todos os dias estarão aptos a perceber como este ato está relacionado com a patente. Trata-se de uma patente antiga, mas possui terríveis semelhanças com certas coisas que são utilizadas na Internet”, alegou.

Em certo ponto da audiência, a Prodigy referiu-se a um artigo de procedência alemã versando sobre tecnologia, e que este seria anterior à existência da invenção da BT. A Juíza solicitou que Schuuman descrevesse o conteúdo do artigo, mas sem sucesso. “Eu apenas leio alemão quando estou cantando Bach”, justificou a Julgadora.

De qualquer sorte, desde que a controversa causa tornou-se pública no final de 2000, a BT tem sido alvo de um fogo cruzado vindo de programadores e desenvolvedores de *software*, que tradicionalmente vêm atacando criadores de qualquer espécie de patente que possa limitar o avanço da tecnologia.

Caso seja bem sucedida no ‘caso-teste’ contra a Prodigy, a BT poderá buscar medidas semelhantes contra outros provedores de acesso Internet, requerendo o pagamento da licença pela utilização da patente, valor que poderá, por sua vez, repercutir sobre a ‘navegabilidade’ dos consumidores.

Date Created

15/02/2002